

## IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A *PECADORA QUEIMADA* E OS ANJOS HARMONIOSOS

### IDENTITY AND FEMININE REPRESENTATION IN A *PECADORA QUEIMADA* E OS ANJOS HARMONIOSOS

Alessandra Regina de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** Estudos sobre a identidade e a representação feminina vêm contribuindo com a crítica literária, dando enfoque ao termo pós-colonialismo, que representa os estudos dos marginalizados e oprimidos, possibilitando estudos que passam a dar voz à mulher frente às dificuldades vivenciadas no decorrer de séculos de submissão. A obra escolhida para análise é *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*, de Clarice Lispector. Objetiva-se estudar a construção da identidade e a representação feminina na obra. Como suporte teórico, convocam-se estudos de Gautier (2004), Touraine (2007), Butler (2003), entre outros.

**Palavras-chave:** Pós-colonialismo. Feminismo. Identidade. Representação. Clarice Lispector.

**Abstract:** Studies on the identity and the representation of women comes contributed with literary criticism, focusing on post-colonialism term, which represents the studies of the marginalized and oppressed, enabling studies that give women a voice in the face of the difficulties experienced over centuries submission. The work chosen for analysis is *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*, by Clarice Lispector. It aims to study the construction of identity and feminine representation in the work. As theoretical support, studies of Gautier (2004), Touraine (2007), Butler (2003), among others.

**Keywords:** Post-colonialism. Feminism. Identity. Representation. Clarice Lispector.

### 1 Introdução

Dentro dos estudos pós-coloniais e do feminismo, muito tem se falado acerca do papel exercido pela mulher dentro dos vários contextos sociais, bem como são apresentados os vários silenciamentos vivenciados por mulheres por parte do discurso da dominação masculina. Observa-se, nesse sentido, a luta feminina, silenciada e quase imperceptível, por algo que as represente, dando voz, de forma que consigam requerer seus direitos.

No decorrer da história, por vezes, a mulher buscou seu reconhecimento e sua liberdade, porém, foram tolhidas. No período histórico da Inquisição, muitas mulheres foram consideradas hereges e bruxas, e em consequência disso foram queimadas em fogueiras. Devido a isso, abre-se um olhar para a reflexão se o termo bruxaria foi uma voz requerida por mulheres, ou se foi algo imposto pelo sistema patriarcal do

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – área de concentração: Estudos Literários (UEM – Universidade Estadual de Maringá). Mestre em Letras (Literatura-UEM). Pós-Graduada em Neurociência da Aprendizagem. E-mail: [alessandracarvalhopr@gmail.com](mailto:alessandracarvalhopr@gmail.com)

período. São olhares que devem ser despertados para que realmente haja essa forma de refletir acerca do tema proposto. A identidade da mulher vem se construindo no decorrer dos tempos, e em cada período dentro da história há nuances dessa construção.

Os estudos envolvendo o termo pós-colonialismo, feminismo, silenciamento etc. demonstram a busca das mulheres por terem voz na sociedade. E quando essa voz feminina tenta alçar voo e libertar-se, há várias tentativas de que isso não venha a ocorrer.

Tais pressupostos levam à reflexão de que o sujeito feminino busca ansiosamente seu espaço no contexto social e econômico. E cresce cada dia mais sua busca por ter reconhecimento de sua identidade ou identidades dentro de um contexto em que ainda ela não assegurou seu lugar de merecimento.

Este artigo terá como objeto de análise o drama trágico de um ato apenas intitulado *A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos*, escrito por Clarice Lispector entre 1946 e 1948, e publicado em 1964. A análise será realizada a partir de conceitos teóricos a respeito do pós-colonialismo, feminismo, dominação masculina, levando em consideração definições de representação, identidade, feminismo e silêncio, sempre tendo em vista as questões do gênero.

## **2 Pós-colonialismo: o feminismo em Clarice Lispector**

O termo pós-colonialismo está atrelado a um conjunto de teorias que visa fazer a análise de alguns efeitos ocasionados pelo colonialismo, nos países colonizados, efeitos estes relacionados à filosofia, política, arte e literatura. Os autores teóricos fundacionais dessa vertente são: Frantz Fanon, Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha e Bill Ashcroft. Segundo Bonnici (2012, p. 19), “embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo pós-colonialismo, Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje”. A literatura pós-colonial tem nos anos 1970, uma sistematização, e a abordagem crítica do pós-colonialista tornou-se parte dos recursos críticos históricos e literários.

Tem-se nos livros: *Orientalismo* (1978) e *Cultura e imperialismo* (1993), de Edward Said, *In Other Worlds* (1987) e *The Post-Colonial Critic* (1990), de Gayatri Spivak, bem como *Nation and Narration* (1990), de Homi Bhabha, os conceitos que mudaram rumo das questões que se referiam exclusivamente eurocêntrica, mostrando um novo olhar para a literatura e os estudos pós-coloniais autônomos (BONNICI, 2012). Observando esses autores, percebe-se que os estudos que o envolve tem uma relação estreita com o feminismo. Seguindo essa observação, Bonnici (2012, p. 25 *apud* DuPlessis, 1985, p. 46) aponta que “há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole /colônia ou colonizador/colonizado e que uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia”. Nesse

sentido, percebe-se que os discursos de ambos, tanto o pós-colonialismo quanto o feminismo é a integração da mulher marginalizada junto à sociedade. Nesse sentido, a mulher objetificada busca sua subjetivação. Essa busca se dá de várias formas, sendo a principal o uso da linguagem.

O feminismo, como o pós-colonialismo, sempre se preocupou com os modos e a extensão em que a representação e a linguagem são cruciais para a formação da identidade e a construção da subjetividade. Para ambos os grupos, a linguagem tem sido um veículo para subverter o poder patriarcal e imperial, e ambos os discursos invocaram argumentos essencialistas ao postular formas de linguagem mais autênticas contra as que lhes são impostas (ASHCROFT *ET AL*, 1998, p. 102)<sup>2</sup>.

A representação e a linguagem são muito importantes para formar a identidade e construir a subjetividade. Em ambos os casos a linguagem é veículo de subversão (dos poderes patriarcais e imperialistas). Por isso essa construção da subjetividade não se fez de forma simples. Esse processo de construção de linguagem no que tange obras de autoria feminina, até meados do século XX vinham sendo articuladas por discursos dominantes, que preenchiam os espaços de privilégio de expressão, o que gerava consequências, pois dava valor, dentro do contexto social, a produções feitas por grupos privilegiados que não enquadravam os outros considerados de minoria. Assim, observa-se, que os privilegiados eram os canônicos, por outro lado, as minorias, eram os demais que se encontravam na perspectiva social marginal (ZOLIN, 2009). Há, dessa forma, o apagamento da diversidade, sendo que neste grupo incluíam-se as mulheres, os negros, os homossexuais, os operários, os desempregados, entre outros.

Ainda sobre a linguagem, Bonnici (2012, p. 25-26) apresenta que “a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça, da repetição de contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem” (BONNICI, 2012, p. 25-26). Nesse sentido, há necessidade de dar vozes às mulheres. Nesse contexto, surge a crítica literária feminista, ou ainda, o que se conhece por feminismo, corrente ligada ao pensamento social e político dentro da representação do contexto das diferenças (ZOLIN, 2009). Segundo Ashcroft *et al* (1998, p. 102), os textos de teoria feminista “e os do pós-colonialismo concordam com muitos aspectos da teoria da identidade, da diferença e da interpelação do sujeito por um discurso dominante, além de oferecer um ao outro várias estratégias

---

<sup>2</sup> Tradução. Texto original: “Feminism like post-colonialism, has often been concerned with the ways and extent to which representation and language are crucial to identity formation and to the construction of subjectivity. For both groups, language has been a vehicle for subverting patriarchal and imperial power, and both discourses have invoked essentialist arguments in positing more authentic forms of language against those imposed on them” (ASHCROFT *ET AL*, 1998, p. 102).

de resistência a tais controles”<sup>3</sup>. Nesse sentido, a mulher ao longo da história sofreu abusos de toda sorte, o que segundo Gautier (2004, p. 696):

O colonialismo aplicou às colonizadas muitos esquemas de pensamento oriundos de seu próprio universo mental, quer fosse a eterna culpabilidade das mulheres ou sua suposta inferioridade ‘natural’ ou cientificamente provada’. Afinal, as próprias mulheres ocidentais ainda não gozavam da plenitude dos direitos civis, políticos e reprodutivos. Ele foi, contudo, mais duro em relação às colonizadas do que em relação às europeias.

Assim, na história do ocidente, especialmente aqui no Brasil, dentro da trajetória do feminismo, contextualizando-o, sabe-se que este teve início por volta de 1830, momento em que havia reivindicações do direito básico da mulher em aprender a ler e a escrever. A partir disso, ainda no mesmo século, em 1870, há o início das lutas em prol da cidadania feminina, historicamente ligada à bandeira empunhada pelo direito ao voto, educação, igualdade de direitos e ao trabalho profissional, o que dá a elas uma participação no mundo público. Estas buscas fazem com que a mulher comece a se projetar na sociedade, atuando de forma mais participativa, e isso iria culminar com a redefinição de lugar da mulher e de reorganização da sociedade.

Segundo Stuart Hall (2005), há algumas causas que ocasionam com o descentramento do sujeito tal qual era visto, ou seja, o sujeito cartesiano, assim, devido as mudanças ocorridas na sociedade esse sujeito uno, centrado, passa a se modificar e interagir com o social de forma fragmentária, nesse sentido, o autor cita como quinto descentramento, o impacto do feminismo, nos aspectos de crítica teórica quanto movimento social:

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. (...). Ele questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, “o privado” e o “público”. O slogan do feminismo era: “o pessoal é político”. (...). Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação como homens/mulheres, mãe/pais, filhos/filhas (HALL, 2005, p. 43).

Essa forma de ver o mundo fez com que cada vez mais o movimento feminista fosse se solidificando. E, nesse contexto de transformações subjetivas, ocorre a terceira onda feminista. Esta tem seu surgimento nos primeiros anos do século XX, momento em que as mulheres já estão bem mais organizadas, havendo, assim, uma solidificação do movimento. O clamor das mulheres pelo direito ao

---

<sup>3</sup> Tradução. Texto original: “and those of post-colonialism concur on many aspects of the theory of identity, of difference and of the interpellation of the subject by a dominant discourse, as well as offering to each other various strategies of resistance to such controls” (ASHCROFT *ET AL*, 1998, p. 102).

voto, à propriedade, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho é bem mais difundido. Estas começam a ver sinais de seu anseio por liberdade, porém ainda contida. Em 1970, as feministas liberais passam a rejeitar o modelo de feminilidade até então vigorando.

Dentro desse processo histórico sobre o movimento feminista, há também o início do processo em que acontece maior visibilidade de escritoras. O motivo foi que as mulheres passaram a ter acesso à educação, o que colaborou com essa volumosa produção literária de autoria feminina, a partir da segunda metade do século XX, ocasionando o surgimento da:

Segunda Onda Feminista, e, mais tarde, o envolvimento mais enérgico do feminismo negro e terceiro-mundista, especialmente nas ex-colônias europeias e a introdução de estudos femininos em praticamente todas as instituições de ensino superior e a publicação maciça de obras de autoria feminina (BONNICI, 2003, p. 16).

Nesse contexto de grandes transformações envolvendo o grito das minorias, dentre elas o das mulheres e as ondas históricas que representam esse movimento, há o surgimento de uma voz, em meados do século XX, considerada um divisor de águas no que diz respeito “à trajetória da narrativa brasileira de autoria feminina, uma vez que o discurso oblíquo e enviesado de suas narradoras questiona, ironicamente, o sistema de gêneros” (XAVIER, 2002, p. 159), assim, tem-se a figura marcante de Clarice Lispector. Seu primeiro romance, intitulado *Perto do coração selvagem* (1944), faz com que haja uma ruptura do paradigma tradicional que tem em foco a tessitura de romances.

Nesse sentido, a obra em questão mostra de forma inovadora não somente os temas ali presentes, como também a própria estrutura do romance, sendo que o foco narrativo apresenta novas nuances. Todas as obras de Clarice Lispector trazem as novas configurações socioculturais presentes na nova corrente literária, ou seja, na pós-modernidade, à luz do feminismo, discute-se criticamente as análises de textos literários, com enfoque maior naqueles que são escrito por mulheres.

Segundo Zolin (2009, p. 2), a “metanarratividade, tomada como uma das principais estratégias da pós-modernidade de subversão e de problematização das limitações da representação literária, e, aqueles, que são representações das relações de gênero e de construção de identidades femininas” auxiliam para as discussões, que dialogam tanto em relação aos aspectos sociológicos quanto os estéticos. Tem-se assim a contextualização do pós-colonialismo como enfoque inicial, para entendimento do papel silencioso da mulher nas sociedades patriarcais, que somente começa a ter representatividade com os movimentos contrários a essa dominação, sendo um deles o feminista. Tais critérios serão adotados para a análise da obra *A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos*, de Clarice Lispector.

### **3 A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos: identidade e representação**

A obra *A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos*, considerada um drama trágico, escrito por Clarice Lispector e publicado uma única vez, em 1964, no volume d' *A legião estrangeira*. Em 2005, Teresa Montero e Lícia Manzo, fizeram uma coletânea dos escritos deixados por Clarice, escrevendo o livro *Outros escritos/Clarice Lispector*, mesclando textos inéditos e restritos da autora, com outros já mencionados em outros livros, sendo que um deles é a peça citada.

O enredo da obra conta a história de uma mulher que vai ser julgada e queimada em praça pública. Ela foi denunciada pelo marido por prática de adultério e levada a julgamento à igreja, tendo seu representante no papel de um sacerdote. Há a presença do povo também presente para assistir e participar do ato de julgamento. Inclusive, há, também, a presença do amante entre as pessoas que a julgam. Em certos momentos a tragédia tem tom de comédia, inclusive pela presença do esposo traído juntamente com o amante no mesmo espaço.

Esta peça é constituída por único ato, com seis personagens: Esposo, Amante, Pecadora, Sacerdote, Primeiro Guarda, Segundo guarda e os Coros (Povo, Criança com sono, Mulher do povo, Mulheres do povo). Ainda trazendo outros personagens, representado pelo Coro celeste: Anjos invisíveis, que se transformam no decorrer do ato em Anjos nascendo e logo depois em Anjos nascidos. A peça em questão desenvolve-se a partir de discurso direto em que “as falas diretas das personagens não se concretizam enquanto diálogos entre personagens, mas em monólogos que são como aponta Benedito Nunes, ‘diálogos da consciência consigo mesma’” (GOMES, 2007, p. 137). Essas vozes que estão presentes em apenas algumas das personagens, ou seja, Anjos Invisíveis, Sacerdote, Guardas, Esposo e Amante, apresentam-se no início de suas falas, em monólogos que logo se convertem em diálogos consigo mesmas quando passam da apresentação à indagação pessoal, ou ainda, quando há um diálogo intimista, que leva à reflexão de dilemas existenciais. Essas vozes que reclamam cada qual algo contra a Pecadora, revelam-se e fazem por revelar essa mulher que está sendo julgada.

Tais vozes são apresentadas através de um Esposo, um Amante e um Sacerdote, dentre outros, que são representações de identidades masculinas, exceto, a voz da Mulher do povo, que mesmo sem força, sua voz ainda tenta fazer-se ouvida: “Afinal que sucede que esta mulher a ser queimada já se torna a sua própria história?” (LISPECTOR, 2005, p. 64). Nesse sentido, entende-se que a mulher silenciada traz em si, segundo Touraine (2007, p. 18), o que se entende pela ideia feita a respeito do gênero, ou seja, efetivamente carregada de “um determinismo social, e até mesmo ideológico, das condutas femininas”, sendo que as mulheres eram obrigadas a agir em função de seu lugar na sociedade. A personagem em

análise, assim, não possui subjetividade, não se sabe nada dela, nem mesmo suas características físicas, a não ser o que é apresentado a partir das perspectivas de representação das outras personagens.

A possível subjetividade na protagonista da peça apresenta-se como “um conjunto de reflexos e de ilusões, o que a torna incapaz de uma ação autônoma” (TOURAINÉ, 2007, p. 18). Essa falta de autonomia ligada à forma alegórica da peça faz com que a mulher, enquanto representação das demais personagens, seja uma alegoria da diluição de sua identidade nas outras personagens, refletindo sobre os possíveis papéis sociais de cada uma. A Alegoria muito rapidamente funciona como uma metáfora para a sociedade moderna que pode ser prontamente percebida nos nomes das personagens, ou, em certos casos, as vozes, que os trazem à vida: Anjos Invisíveis; Sacerdote; Povo; Criança com sono; Mulher do povo; Primeiro Guarda; Segundo Guarda; Esposo; Amante; Anjos nascendo; Os anjos nascidos; Mulheres do povo; e Personagem do povo, sendo que nenhum deles têm um nome específico, mas categorias que representam cada qual seu valor simbólico dentro da sociedade.

Se a representação atrelada à linguagem, ambas são importantes para a formação da identidade, e, conseqüentemente, na construção da subjetividade, então, a linguagem será veículo de subversão dos poderes patriarcais. Nesse sentido, as vozes constituídas nesse drama trágico estão relacionadas às identidades e suas representações. Sabendo que os sujeitos modernos e pós-modernos são fragmentados, líquidos, e compostos de “várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 11), tem-se o enfoque dado a esta obra: uma mulher silenciada que fala através da diluição nas demais personagens.

Percebe-se, assim, que existe uma necessidade do reconhecimento próprio, e do outro no contexto dessas relações, o que auxilia no entendimento de que cada sujeito faz parte de um processo de legitimação de identidades múltiplas. E como esse sujeito pode fazer isso? Torna-se necessário que este se reconheça e interaja com as representações dos sistemas culturais que o rodeiam, e é justamente a partir das diferenças que ele irá abarcar as semelhanças. Nesse sentido, tem-se que a identidade feminina, durante todo o processo histórico de busca por sua emancipação, sofreu repressão por parte daqueles que não almejavam tal liberdade.

A representação do silêncio da personagem se dá no decorrer de toda a peça clariceana. A mulher está em silêncio, e essa ação demonstra que a mulher diz muito, pois, o “silêncio significa de múltiplas maneiras” (ORLANDI, 2007, p. 42). Os demais personagens expressam-se através de diálogos monológicos. Por ser um gênero dramático, a presença do Coro se faz através do povo, que no início da peça clama por comida. Como também há a voz dos Anjos invisíveis, ou seja, a representação da voz que gera a harmonia necessária para que a morte trágica da protagonista aconteça. A tragédia da peça não vem pelo reconhecimento da personagem principal, mas sim, pela imposição da moral e dos bons costumes da

sociedade patriarcal a qual a peça representa (Idade média). Por estar fortemente ligada ao contexto da Inquisição, a mulher é intitulada Pecadora por aqueles que a julgam: Povo, Esposo, Sacerdote, Amante, Anjos invisíveis etc. Nesse sentido, a morte trágica da personagem principal se dá pelo clamor dessas vozes.

A identidade da Pecadora é construída e mostrada através de representações fragmentárias, ou seja, por meio das demais personagens da obra em análise. Tanto a mulher quanto todas as outras vozes, quando analisadas dentro do aspecto sociológico, não possuem nomes, mas sim a construção de representações de estereótipos sociais, ou seja, Esposo (representação da família tradicional), Sacerdote (a Igreja), Amante (o que age contra a moral e os bons costumes), os Coros (Povo; Criança com sono; Mulher do povo; Mulheres do povo – vozes que além de representar as demais camadas da sociedade são as constituintes necessárias para que se dê a estrutura da tragédia), Primeiro e Segundo Guardas (representantes da lei – o poder real). Percebe-se que as vozes da peça são dadas as personagens representantes de identidades masculinas.

#### **4 O instante epifânico na peça: a marca da salamandra**

A epifania é presença constante nas obras de Clarice Lispector. Porém, diferente dos instantes epifânicos vivenciados por outras personagens-narradoras desta autora, a personagem principal da peça em análise apresenta sua epifania através da marca vista e proferida pelas personagens quando ateam fogo a ela, ou seja, esta fica “marcada pela salamandra” (LISPECTOR, 2005, p. 66). Dessa forma, compreende-se que essa marca se dá através da linguagem. O termo epifania, ao ser aplicado à Literatura:

É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita da consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve a personagem. Ainda mais especificamente em literatura, a epifania é uma obra ou parte de uma obra onde se narra o episódio da revelação (SANT’ANNA; COLASANTI, 2013, p. 128-129).

Essa mulher que será queimada é conhecida e consegue ter voz através das demais personagens. Tem-se como ponto de maior tensão, o momento em que, após julgamento, diz o Sacerdote: “Eis chegado o momento em que, pela graça do Senhor, pecarei com a pecadora, arderei com a pecadora, e nos infernos onde com ela descerei, pelo Teu nome me salvarei” (LISPECTOR, 2005, p. 66), e todos os outros personagens começam a preparar-se para que ela seja queimada. Todo o mote da obra leva a deflagração do momento em que ateam fogo à Pecadora. Somente silenciá-la não marcaria todo o poder que desejavam exercer sobre aquela que a todos enganou. O melhor caminho é a morte, é deixar em cinza e



pó aquela a quem, de certa forma, todos amaram. A mulher silenciada que almejou ser a atriz de sua história buscou uma afirmação enquanto mulher que desejava ser amada, e para tanto não mediu esforços para tentar construir sua história, valendo-se da vontade que teve de ser atriz de sua vida e de suas escolhas (TOURAINÉ, 2007). Entende-se com isso que como já dizia Beauvoir que ninguém nasce mulher, mas sim torna-se: “a mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim” (BUTLER, 2003, p. 59). Nesse sentido, o papel da mulher na atualidade ainda está em processo.

Ela seria queimada, mas foi senhora de suas vontades, realizando projetos daquilo que anteriormente ela almejou e fez, transformando, assim, a sua existência. Ela deixou sua marca, o que se torna conhecido através da fala do Coro/Povo, que diz: “Marcada pela Salamandra” (LISPECTOR, 2005, p. 66), e, sucessivamente, todas as outras personagens também falam sobre essa marca. Essa marca representa, segundo Chevalier (2012, p. 798), uma “espécie de tritão que os Antigos supunham ser capaz de viver no fogo sem ser consumido. Foi identificado ao fogo, do qual era uma manifestação viva. Por outro lado, por ser fria, também lhe era atribuído o poder de apagar o fogo”. A Pecadora surge, então, durante sua inquisição, com a Marca da Salamandra, ou seja, aquela que ficará viva através das lembranças das demais personagens. Ela será queimada, mas, não perecerá na mente e no coração daqueles que por tanto que a queriam para si, acabaram por entregá-la ao julgamento.

Há, ainda, as representações do Esposo e do Sacerdote que na obra evocam a forte tendência em relação ao trabalho de reprodução da ordem dos gêneros, tal qual era visto dentro de um conceito patriarcal que esteve garantido até época recente, sendo representada, segundo Bourdieu (2005, p. 103) por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, “que em conjunto tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”. Na peça clariciana, o papel do Sacerdote é fazer a representação dessa Igreja demarcada pelo salvo de boa conduta. Essa mulher, além de representar a esposa, a amante também representa um membro da Igreja que está em pecado.

Essa Pecadora silenciada representa uma identidade feminina de força e resistência. Mesmo sem falar nada na peça, consegue permear e dar a ação necessária a todas as demais personagens deste drama trágico. Assim, todas as vozes masculinas, deste texto dramático, almejam impor certa dominação sobre a mulher que cometeu adultério. Até as personagens Anjos invisíveis, mesmo sendo do senso comum, que como seres angelicais são assexuados, na obra em análise corroboram com as demais vozes masculinas, para que possam exercer essa dominação sobre a mulher marcada pela salamandra. Esses anjos representam a harmonia necessária para que se constitua o elemento trágico.

## 5 Considerações finais

Com a realização deste trabalho verificou-se a análise de uma obra a partir da perspectiva feminista, em que a personagem principal é uma mulher, o que constitui uma identidade feminina. O título da peça é muito sugestivo, ou seja, *A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos*. Clarice Lispector, com essa obra mostra toda sua capacidade e desenvolver personagens femininas, dispostas a subverter a sociedade em que vivem. Mulheres frágeis, porém, ao mesmo tempo mostram-se decididas em suas escolhas. A escolha foi entre ser a senhora de seus desejos e não permitir que fosse dominada em suas escolhas. Dessa forma, a obra traz em si todos os elementos necessários para ser analisada sob essa perspectiva do feminismo, abrindo espaço para diálogos sobre as relações de gênero dentro do contexto social e econômico, tanto da obra em questão, quanto das outras tessituras da autora.

Clarice Lispector é considerada um divisor de águas na trajetória da narrativa brasileira de autoria feminina, pois, constrói tanto narradoras quanto personagens que questionam, ironicamente, o sistema de gêneros, levando a uma reflexão sobre as novas configurações para as relações entre sexos. Na peça em análise, a protagonista não esboça sequer uma palavra, o que dentro de uma leitura superficial, poderia ser dito que esta obra foge à regra, e que não seria possível fazer uma reflexão acerca da questão do gênero, porém, essa seria uma leitura equivocada, pois, mesmo que a protagonista esteja silenciada, ainda assim toda a construção da ação gerada, que é mostrada através das personagens de vozes masculinas, está justamente na Pecadora.

Dessa forma, foi possível refletir sobre a possibilidade de identificar e definir a identidade feminina dentro de um contexto de supremacia da dominação masculina. Essa constituição identitária feminina, mesmo que ainda encontre desafios, por estar em processo, ser um devir, já aponta para a possibilidade de que a mulher busque ser a senhora de sua própria vida, conseguindo representar seu papel enquanto atriz de suas escolhas.

## Referências

- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. Feminism and post-colonialism. *In*: ASHCROFT et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London and New York: Routledge, 1998, p. 101-104.
- BONNICI, T. No limite da feminilidade: assassinas e bruxas – a mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII. *In*: MAINKA, P. J. (Org.). *Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos*. Maringá, PR: EDUEM, 2003, p. 89-106.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá, Pr.: EDUEM, 2012.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- GAUTIER, Arlette. Mulheres e colonialismo. In: FERRO, Marc. *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 660-706.
- GOMES, André Luís. *Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro*. Brasília: Finatec, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. A Pecadora queimada e os Anjos harmoniosos. In: MONTERO, Teresa e MANZO, Lícia. *Outros escritos/Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 57-69.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2008.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Trad. Francisco Moras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- XAVIER, Elódia. A hora e a vez da autoria feminina: de Clarice Lispector a Lya Luft. In: DUARTE, Constância Lima; ASSIS, Eduardo de; BEZERRA, Kátia da Costa (org.) *Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios*, 2002. Belo Horizonte: Pós- Graduação em Letras e Estudos Literários - UFMG, 2002.
- ZOLIN, L. O. *Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no Brasil*. 2009. Congresso de Leitura do Brasil, Unicamp – SP. Disponível em:  
<[http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE\\_1058.pdf](http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf)>.  
Acesso em: 20 set. 2019.

Artigo recebido em: 19/06/2019

Artigo aceito em: 19/07/2019